

Na Europa, a extrema direita se aproxima de Israel



Por **FLÁVIO AGUIAR***

O caso mais contundente do apoio da extrema direita europeia a Israel veio do espanhol Vox, que se declara herdeiro do franquismo falangista e até dos Cavaleiros Templários da Idade Média

A guerra no Oriente Médio está provocando uma maior inclinação do eixo de grande parte da extrema direita europeia para o lado israelense do conflito.

O caso mais chamativo desta tendência é o da líder do *Rassemblement National* [Reunião Nacional] francês, Marine Le Pen. Em declarações à imprensa e no Parlamento Nacional ela manifestou seu apoio irrestrito à sobrevivência de Israel e o seu “direito à autodefesa”.

Jordan Bardella, o presidente do *Rassemblement National*, complementou: “Para muitos judeus franceses o Reunião Nacional representa um escudo contra a ideologia islamista”.

Críticos da líder francesa veem neste seu movimento uma tentativa – que qualificam como “demagógica” – de apagar o passado antissemita do partido, quando se chamava “Frente Nacional” e era liderado por seu pai, Jean-Marie Le Pen, condenado em processos por minimizar o Holocausto. Apontam que ela está mirando a eleição presidencial de 2027, quando o atual presidente, Emmanuel Macron, não poderá concorrer, uma vez que a Constituição francesa proíbe o exercício de mais de dois mandatos presidenciais consecutivos. E lembram que de eleição em eleição os votos em Marine Le Pen vem crescendo continuamente.

Na Itália, o líder do partido *Lega*, Matteo Salvini, igualmente de extrema direita, também se posicionou ao lado de Israel numa manifestação por ele convocada na cidade de Milão. Foi cauteloso ao afirmar que “o inimigo não é o Islã, mas o extremismo islamista”.

Na Hungria não houve surpresas. O primeiro-ministro Viktor Orbán é um antigo aliado não só de Israel, mas da direita israelense, e um ardoroso defensor da “civilização europeia”. E não tardou em declarar que qualquer manifestação que apoiasse o “terrorismo do Hamas” seria proibida. Assim mesmo, destacou que deveria haver ajuda humanitária à população civil de Gaza.

O caso mais contundente deste apoio de extrema direita a Israel veio do espanhol Vox, que se declara herdeiro do franquismo falangista e até dos Cavaleiros Templários da Idade Média. O secretário-geral do partido, Ignacio Garrido, acusou o governo socialista do primeiro-ministro Pedro Sanchez e Yolanda Diaz, a líder do *Sumar*, uma coalizão de esquerda que apoia o governo, de supostamente “justificarem” os ataques do Hamas.

O líder do Vox, o deputado Santiago Abascal, chegou a dizer que “se possível devia-se matar os terroristas antes que eles matassem inocentes”, numa tirada que lembra o filme *Minority Report*, em que potenciais criminosos eram “neutralizados”

a terra é redonda

antes que cometessem seus supostos crimes. O Vox se comprometeu igualmente a apresentar um projeto de lei ao Parlamento proibindo a imigração proveniente de “países de cultura islâmica enquanto não se possa assegurar sua integração”, seja lá o que isto signifique.

Na Alemanha a situação se apresentou de modo um pouco mais complexo. No *Bundestag*, o Parlamento Federal, o líder do AfD, *Alternative für Deutschland*, Alexander Gauland, declarou que “o ataque do Hamas não atingiu apenas Israel, ele nos atingiu também; Israel é o Ocidente numa vizinhança que rejeita e combate o Ocidente”. Já o presidente do partido AfD, Tino Chrupalla, condenou o ataque mas ressaltou que o momento é “para a diplomacia”. Outros membros do partido criticaram esta sua declaração, inclusive um grupo auto-intitulado “Judeus com o AfD”. Deve-se ressaltar que recentemente membros do partido foram acusados e processados como defensores, simultaneamente, de antissemitismo e de islamofobia.

Uma observação: em grande parte, exageros retóricos à parte, estas posições de partidos de extrema direita na Europa não diferem substancialmente das posições de grande parte dos governantes europeus e de autoridades da União Europeia, embora estes últimos ponham mais ênfase nas preocupações humanitárias em relação aos civis de Gaza. Entretanto elas apontam para a busca de apoio mais amplo nos países onde aqueles partidos de extrema direita atuam.

Por outro lado, atividades racistas, sejam antissemitas, islamofóbicas ou outras contam com a participação de um sem número de pequenas células clandestinas, cujo comportamento frequentemente violento será certamente reforçado pela circunstância da guerra.

***Flávio Aguiar**, jornalista e escritor, é professor aposentado de literatura brasileira na USP. Autor, entre outros livros, de *Crônicas do mundo ao revés (Boitempo)*. [<https://amzn.to/48UDikx>]

Publicado originalmente no site da *Rádio France Internacional*

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA